

A globalização e o futuro do emprego

Michel Zaidan Filho*

O impacto da competição exacerbada entre nações por mercados, matérias primas e consumidores globais, num ambiente desregulamentado e sem fronteiras, tem sido particularmente grave sobre os mercados de trabalho. A tão difundida reestruturação produtiva das empresas e a mudança do papel do setor público no financiamento da atividade econômica levou, em primeiro lugar à crise do estado fordista, quebrando o vínculo entre produção e consumo. Quebra esta possibilitada pela integração vertical da cadeia produtiva, desterritorializando as condições e os fatores de produção e fragmentando o mundo do trabalho. Isso conduziu a substituição das políticas de demanda (outrora articuladas a de geração de emprego e renda) pelas políticas de ofertas preocupadas em atrair investimentos a qualquer custo, e em vender ativos, receitas e o barateamento do custo da mão-de-obra.

O impacto dessa política de oferta sobre os mercados de trabalho nacionais se fez sentir sobretudo, através das políticas de desregulamentação e flexibilização do sistema de relação de trabalho, produzindo uma multiplicidade de jornadas de trabalho, de regimes salariais e formas variadas de contratação da força de trabalho. A quebra da isonomia desses sistemas, aumentou ainda mais o uso predatório da mão-de-obra, barateando o custo do traba-

lho e enfraquecendo a organização sindical dos trabalhadores.

A desorganização dos sistemas nacionais de relações de trabalho provocou uma profunda desestruturação do mercado de trabalho, produzindo três consequências: uma elevada taxa de dessalariamento da mão de obra empregada, aumento exponencial do desemprego e uma disseminação de pequenos negócios de baixa produtividade. Criou-se um mercado dual de trabalho, com uma elite operária, treinada, qualificada, bem remunerada e estável no emprego e uma multidão de trabalhadores precários, desqualificados mal-remunerados, e sem nenhuma garantia ou direitos trabalhistas. Avulta, nesse novo mercado de trabalho, um perfil diferenciado de trabalhador exigido pelos novos requerimentos tecnológicos da informática, da telemática e a robótica, onde a multifuncionalidade, o espírito de iniciativa, a capacidade de decisão, de trabalho em equipe e flexibilidade para aprender e inventar soluções passam a ser muito importante.

As metamorfoses do trabalho, e a crise dos empregos, estão produzindo uma rápida substituição das antigas políticas de emprego pelas políticas de mercado de trabalho, transferindo as causas do desemprego estrutural para um suposto mal funcionamento do mercado de trabalho. Neste sentido, vão sendo abandonadas as intervenções regulatórias e estruturadoras do setor público nas relações econômicas e de trabalho, cujo objetivo declarado era

a criação de renda e emprego, por medidas pontuais destinadas a corrigir falhas nas condições de contratação, ocupação e remuneração da mão de obra. Medidas como a intermediação na colocação de trabalhadores no mercado de trabalho, treinamento, pequenos empregos para empresas familiares e o seguro desemprego passam a tomar o lugar dos investimentos públicos em obras de infra estrutura ou em apoio às empresas privadas, para retomada do nível da atividade econômica e aumento da oferta de empregos.

Hoje, sabe-se que existem políticas alternativas de emprego a essas medidas paliativas, destinadas apenas a minorar os efeitos perversos da globalização sobre os mercados de trabalho. Propostas como a redução da jornada de trabalho (através de estímulos fiscais às empresas que contratam mais operários), a contratação coletiva da força de trabalho (com reforço da intermediação sindical), a criação do banco de horas e a ampliação do seguro desemprego (conjugada à exigência de cursos de treinamento e qualificação dos desempregados), já fazem parte de uma nova agenda internacional de combate ao desemprego. Mas, estadistas, estudiosos e líderes sindicais do mundo inteiro concordam que sem um basta a especulação financeira mundial e a mudança de função das agências multilaterais, na concertação de um novo contrato social planetário, será muito difícil enfrentar com sucesso esse que já foi chamado do maior flagelo do fim do século: o desemprego estrutural.

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco e cientista político



Michel Zaidan Filho